

JULIANA SIMÕES FONTE

As Vogais na Diacronia do Português:

uma interpretação fonológica de três momentos da história da língua



ARARAQUARA - SP

2014

JULIANA SIMÕES FONTE

As Vogais na Diacronia do Português:

uma interpretação fonológica de três momentos da história da língua

Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de Araraquara, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Prof^ª. Dra. Gladis Massini-Cagliari

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA - SP

2014

Fonte, Juliana Simões

As vogais na diacronia do português: uma interpretação fonológica de três momentos da história da língua / Juliana Simões Fonte - 2014
f. 351; 30 cm

Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Câmpus de Araraquara)
Orientadora: Gladis Massini-Cagliari

1. Língua portuguesa -- Vogais. 2. Língua portuguesa -- História.
3. Língua portuguesa -- Fonética. I. Título.

JULIANA SIMÕES FONTE

As Vogais na Diacronia do Português:

uma interpretação fonológica de três momentos da história da língua

Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de Araraquara, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de Pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Prof^ª. Dra. Gladis Massini-Cagliari

Bolsa: CAPES

Data da Defesa: 06/06/2014

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Prof^ª. Dra. Gladis Massini-Cagliari

Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara / UNESP.

Membro Titular: Prof. Dr. Gabriel Antunes de Araujo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de São Paulo / USP.

Membro Titular: Prof. Dr. José Sueli de Magalhães

Instituto de Letras e Linguística / Universidade Federal de Uberlândia.

Membro Titular: Prof^ª. Dra. Luciani Ester Tenani

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto / UNESP.

Membro Titular: Prof^ª. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara / UNESP.

Local: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP

Faculdade de Ciências e Letras - Câmpus de Araraquara

*Aos meus pais,
Aparecida e Antônio,
dedico este trabalho.*

Agradecimentos

A Deus, pela vida, pelas bênçãos constantes e pelos pequenos e grandes milagres que norteiam os meus dias;

À Profa. Dra. Gladis Massini-Cagliari, pela orientação brilhante, pelas leituras cuidadosas de todos os meus textos, pelos ensinamentos preciosos, pela amizade, pela confiança, pelas oportunidades, por me introduzir no mundo das pesquisas, por me sugerir um tema apaixonante, por conduzir, com primazia, os meus primeiros passos, inseguros e hesitantes, nesse amplo e nebuloso universo que me era, então, apresentado, fornecendo, sempre, uma base sólida para que eu seguisse com segurança... enfim, por esses quase dez anos de crescimento contínuo, lindas conquistas e grandes alegrias;

À Profa. Dra. Maria Helena Mira Mateus, pela recepção afetuosa em Lisboa, pelas reuniões sempre muito produtivas, por esclarecer com doçura e muita simpatia todas as minhas dúvidas, pelas contribuições inestimáveis a este trabalho;

À CAPES, pelo auxílio financeiro concedido a esta pesquisa, tanto no Brasil, quanto em Portugal;

À Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck e ao Prof. Dr. José Sueli de Magalhães, pelas sugestões valiosas, durante o Exame de Qualificação, e pela participação também na banca de Defesa;

À Profa. Dra. Luciani Ester Tenani e ao Prof. Dr. Gabriel Antunes de Araujo, por terem aceitado compor esta banca examinadora e pela relevante contribuição a este trabalho;

Ao Prof. Dr. Ivo Castro, por ter permitido, muito gentilmente, que eu frequentasse seu curso sobre a história da língua portuguesa e seus seminários sobre filologia, ampliando, consideravelmente, o meu conhecimento na área e tornando ainda mais fascinante esta minha viagem através do tempo;

Ao Prof. Dr. Ernesto de Andrade (*in memoriam*), pelo notável conhecimento partilhado, sempre com muito bom-humor, em suas aulas sobre Fonologia;

À Profa. Dra. Márcia Valéria Zamboni Gobbi e ao Prof. Dr. Geraldo Augusto Fernandes, pela bibliografia sugerida, no âmbito da literatura portuguesa;

À Profa. Dra. Esperança Carneira, por ter me enviado todos os seus textos sobre a periodização da língua portuguesa a partir dos dados do *Cancioneiro* de Resende;

Ao Prof. Dr. Dermeval da Hora, ao Prof. Dr. Seung-Hwa Lee e ao Prof. Dr. João Veloso, pelas relevantes sugestões fornecidas em eventos acadêmicos;

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari, grande mestre, pelas nobres conversas sobre Fonética e Fonologia;

Ao Prof. Dr. José Dejalma Dezotti, por esclarecer as minhas dúvidas em relação à língua latina;

Aos demais professores da FCL/UNESP que contribuíram para a minha formação;

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação da FCLAr/UNESP, pela administração competente e pelo atendimento sempre muito cordial e eficaz;

Às colegas do grupo de pesquisa, Ana Carolina Cangemi, Gisela Favaro, Lívia Migliorini, Mariana Moretto, Natália Macedo, Natália Prado, Tauanne Amaral e Thaís Abreu, pela parceria e amizade;

A todos os colegas do ILTEC, em Lisboa, especialmente à Sílvia, à Catarina, à Isabel, à Lis e à Alexandra;

Aos meus pais, Aparecida e Antônio, pela criação, pela educação, pelo amor incondicional, pela dedicação e pelo apoio;

Aos meus pais de coração, Alice e José, e a toda a minha “família portuguesa”, pela admirável generosidade, pelo carinho, pelo amparo e pelo lar harmonioso e feliz que me proporcionaram na terra de Inês de Castro (e arredores);

Ao Samir, pelo companheirismo e pela cumplicidade, pelos sábios conselhos, pelo incentivo e pela compreensão com relação às minhas ausências;

A todos os meus familiares, em especial à Rose e ao Vicente, por gentilmente terem me recebido em sua casa, em Araraquara, durante o desenvolvimento deste trabalho;

Às minhas preciosas amigas Márcia Rodrigues, Márcia do Carmo, Bia Camargo, Wendy Segantim, Isabela Baiocato, Cibele Naidhig e Fernanda Pirola, pelo carinho e pelos momentos especiais;

Aos amigos que tive a alegria e o prazer de conhecer em terras de além-mar: Encarnação, Madalena, D. Leonor, D. Misete, Carlos Manoel e Marcos, que tornaram inesquecíveis os meus dias em Portugal;

A minha eterna gratidão!

Se partires um dia rumo a Ítaca,
faz votos de que o caminho seja longo,
repleto de aventuras, repleto de saber.

Nem Lestrigões nem os Ciclopes
nem o colérico Posídon te intimidem;
eles no teu caminho jamais encontrarás
se altivo for teu pensamento, se sutil
emoção teu corpo e teu espírito tocar.

Nem Lestrigões nem os Ciclopes
nem o bravo Posídon hás de ver,
se tu mesmo não os lebares dentro da alma,
se tua alma não os puser diante de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.
Numerosas serão as manhãs de verão
nas quais, com que prazer, com que alegria,
tu hás de entrar pela primeira vez um porto (...)

Tem todo o tempo Ítaca na mente.
Estás predestinado a ali chegar.
Mas não apresses a viagem nunca.
Melhor muitos anos lebares de jornada
e fundeares na ilha velho enfim,
rico de quanto ganhaste no caminho,
sem esperar riquezas que Ítaca te desse.

Uma bela viagem deu-te Ítaca.
Sem ela não te ponhas a caminho.
Mais do que isso não lhe cumpre dar-te.

Ítaca não te iludiu, se a achas pobre.
Tu te tornaste sábio, um homem de experiência,
e agora sabes o que significam Ítacas.

Kaváfis (1982, p. 118-119)

RESUMO

A proposta do presente estudo é fornecer um quadro diacrônico das vogais do português a partir da observação de três momentos da história da língua: séculos XIII, XV e XVI. Serviram de *corpora* a esta pesquisa as *Cantigas de Santa Maria* (CSM) de Afonso X (século XIII), o *Cancioneiro Geral* (CG) de Garcia de Resende (século XV) e *Os Lusíadas* de Camões (século XVI). A metodologia adotada neste estudo consistiu, essencialmente, no mapeamento e na análise das rimas e da grafia empregadas nas obras referidas. Sabendo que as rimas dos textos poéticos podem fornecer pistas importantes sobre as antigas pronúncias da língua, que não deixaram registros orais, investigamos as possibilidades e impossibilidades de rima, nos *corpora* abordados, com o intuito de obter informações sobre a realização fonética das vogais tônicas e postônicas do português de antanho. No caso das vogais pretônicas, que não são contempladas pelas rimas poéticas, buscamos, na escrita da época, os vestígios das pronúncias do passado. Por meio deste trabalho, foi possível obter dados relevantes acerca das vogais tônicas, pretônicas e postônicas do galego-português, do português médio e do português moderno. Com relação às vogais da sílaba acentuada, as rimas das CSM não apenas atestam uma distinção de timbre entre as vogais médias do século XIII como também evidenciam uma mudança na pronúncia da vogal tônica de determinados vocábulos, ao longo da história da língua. Já as rimas do CG e de *Os Lusíadas* sugerem que essa mudança teve origem, muito provavelmente, em variações fonéticas dos séculos XV e XVI, entre vogais médias abertas e fechadas, na sílaba acentuada. Para as vogais pretônicas do passado, a grafia empregada nas três obras poéticas analisadas sugere a ocorrência de uma considerável variação fonética entre as vogais médias e altas do português antigo. Por fim, sobre as vogais postônicas dos séculos XIII, XV e XVI, os dados desta pesquisa também indicam uma possível variação entre vogais médias e altas, porém, as rimas e a grafia empregadas nos *corpora* considerados não nos autorizam a afirmar que a pronúncia com vogal alta, na sílaba pós-acentuada, já fosse a predominante, nos séculos referidos. Além dessa pesquisa tripartida, envolvendo as vogais dos séculos XIII, XV e XVI, este trabalho também apresenta uma descrição cuidadosa do sistema vocálico do português atual (brasileiro e europeu) e estabelece uma comparação entre as vogais da língua portuguesa e as vogais de outras línguas românicas, sobretudo as da Península Ibérica. Por tudo isso, pode-se dizer que os dados deste trabalho trazem contribuições significativas não apenas para os estudos dedicados às vogais ou à história da língua portuguesa, mas também para as pesquisas voltadas à Romanística, em geral.

Palavras-chave: Vogais. História da Língua Portuguesa. Fonologia. Variação. Mudança.

ABSTRACT

The aim of this study is to provide a diachronic framework of the Portuguese vowels, from the observation of three moments in the history of language: 13th, 15th and 16th centuries. The research *corpora* comprises the *Cantigas de Santa Maria* (CSM), by Alfonso X (13th century), the *Cancioneiro Geral* (CG), by Garcia de Resende (15th century), and *Os Lusíadas*, by Camões (16th century). The methodology adopted in this study consisted primarily in mapping and analysing the rhymes and spelling employed in these literary texts. From the analyses of the possibilities and impossibilities of rhyme, in the *corpora* considered, it was possible to obtain important evidences about the phonetic realization of the stressed and post-tonic vowels in the past of the Portuguese. Concerning the pretonic vowels, which are not covered by the poetic rhymes, this research sought, at writing of that time, the traces of the old pronunciation. Through this work, it was possible to obtain interesting data about the stressed, pretonic and post-tonic vowels of the Old, Middle and Modern Portuguese. Concerning the vowels of the stressed syllable, the rhymes of the CSM showed a distinction between open and closed mid vowels in the 13th century and, moreover, suggested a change in the pronunciation of the stressed vowel of some words, throughout the history of language. According to the rhymes of the CG and of *Os Lusíadas*, this change originated in variations of the 15th and 16th centuries, between open and closed mid vowels in stressed syllables. For the pretonic vowels, the spelling used in the three literary texts analyzed suggests the occurrence of a considerable phonetic variation between mid and high vowels of the ancient Portuguese. Finally, on the post-tonic vowels of 13th, 15th and 16th centuries, the data of this study also indicates a possible variation between mid and high vowels, but the rhymes and the spelling used in the *corpora* considered do not ensure that the pronunciation with high vowels in post-stressed syllable was already the prevalent in those centuries. In addition to this tripartite study involving the vowels of 13th, 15th and 16th centuries, this work also presents a careful description of the vowel system of the current Portuguese (Brazilian and European) and provides a comparison between the vowels of Portuguese and the vowels of other Romance languages, especially the Iberian Peninsula ones. For all this, one can say that this thesis introduces interesting data not only to the studies dedicated to the vowels or to the history of the Portuguese language, but also to the studies devoted to the Romance languages in general.

Keywords: Vowels. History of Portuguese. Phonology. Variation. Change.

Introdução

A proposta do trabalho que ora se apresenta é estudar as qualidades vocálicas do português em três momentos da história da língua: séculos XIII, XV e XVI, a fim de investigar mudanças significativas ocorridas no quadro das vogais portuguesas, ao longo dos séculos referidos.

Como *corpora* para esta pesquisa, foram consideradas as *Cantigas de Santa Maria* (doravante, CSM) de Afonso X, para o século XIII; o *Cancioneiro Geral* (doravante, CG) de Garcia de Resende, para o século XV; e *Os Lusíadas* de Camões, para o século XVI.

Conforme se pode observar, os textos escolhidos para constituir os *corpora* deste estudo são todos poéticos. Essa escolha deve-se ao fato de que as rimas dos textos poéticos podem fornecer pistas satisfatórias sobre a realização fônica das vogais portuguesas, em momentos passados da língua que não deixaram registros orais. A esse respeito, Mattos e Silva (2006, p. 37) declara:

O fato de serem poemas de estrutura formal em versos rimados os torna fundamentais, no que concerne a estudos de história da língua, para o conhecimento de fatos fonéticos desse período, como sejam, por exemplo, questões referentes aos encontros entre vogais (hiatos/ditongos), ao timbre vocálico (abertura/fechamento), vogais e ditongos nasais/orais.

Compõem a documentação poética remanescente do século XIII as cantigas trovadorescas escritas em galego-português. Essa poesia trovadoresca pode ser dividida em duas grandes vertentes: uma profana, da qual fazem parte as *cantigas de amor*, as *cantigas de amigo* e as *cantigas de escárnio e maldizer* (cf. SPINA, 1991; TAVANI, 1993; MASSINI-CAGLIARI, 1999, 2005, 2007b), e outra religiosa, representada pelas 420 CSM, remanescentes da segunda metade do século XIII, que louvam a Virgem Maria e narram seus milagres.

Nesta pesquisa, optou-se por trabalhar com as cantigas religiosas (e não com as profanas) porque estudos revelam que as CSM, em termos de léxico e de rima, são mais ricas do que as cantigas profanas.¹ Leão (2007, p. 152), por exemplo, chama a atenção para a maior riqueza lexical das cantigas religiosas, em relação às cantigas profanas:

Do ponto de vista do léxico, as *Cantigas [de Santa Maria]* apresentam uma riqueza imensa (como também, embora em menor grau, as cantigas de escárnio), pois não se limitam à tópica amorosa como as cantigas de amigo e de amor. Ao contrário, elas nos falam não só da vida religiosa, mas da vida em toda a sua complexidade, constituindo talvez o mais rico documento para o conhecimento da mentalidade, dos costumes, das doenças, das profissões, da prostituição, do jogo, dos hábitos monásticos, de todos os aspectos enfim do quotidiano medieval na Ibéria.

Massini-Cagliari (2005) e Costa (2006) mostram que, no léxico das CSM, há registro de termos proparoxítonos, diferentemente do que ocorre nas *cantigas de amigo*, por exemplo, em cujo léxico só podem ser identificadas palavras oxítonas e paroxítonas. Esse fato aponta, pois, para uma maior riqueza das cantigas medievais religiosas, em relação às *cantigas profanas*, no que diz respeito às pautas prosódicas de palavras do português arcaico (doravante, PA).

Do ponto de vista das rimas, as CSM também podem ser consideradas mais ricas do que as cantigas profanas. Nas cantigas religiosas, as rimas são todas perfeitas (soantes), ao passo que as *cantigas de amigo*, por exemplo, admitem rimas imperfeitas (toantes), de acordo com Granucci (2001).²

¹ Vale destacar, a propósito, que já havíamos dedicado pesquisas anteriores ao estudo das vogais empregadas nas CSM (cf. FONTE, 2010a,b). Os resultados obtidos por Fonte (2010a,b) foram contemplados, neste trabalho de Doutorado, e comparados aos dados dos séculos XV e XVI. A tese que ora se apresenta consiste, pois, em uma continuação e complementação à pesquisa iniciada por esta autora em sua dissertação de Mestrado.

² Segundo Goldstein (1985, p. 44), nas rimas soantes, a partir da vogal tônica, todas as vogais e consoantes possuem a mesma qualidade, ao passo que, nas rimas toantes, apenas as vogais tônicas são semelhantes (ex.: *pinno/amigo* e *ramo/amado*, nas *cantigas de amigo*). O trabalho de Fonte (2010a,b) mostra que, nas CSM, não há rimas toantes.

Após um século e meio de produção poética trovadoresca, a poesia desaparece da documentação remanescente entre meados do século XIV e início do século XV (cf. MICHAËLIS DE VASCONCELOS, 1946, p. 16; MATTOS E SILVA, 2006, p. 40).³ Os textos poéticos voltam a aparecer somente em 1516, com a publicação do CG de Garcia de Resende, que reúne poemas escritos ao longo do século XV e início do século XVI por cerca de 286 poetas (cf. PIMPÃO, 1942). Para Rocha (1987, p. 16), “a abundância de dados lingüísticos, etnográficos, históricos ou sociológicos”, que se verifica no CG, torna essa obra “de consulta imprescindível a quem queira estudar o período em causa”.

Pode-se dizer que os poemas do CG, como as CSM, apresentam uma notável riqueza lexical, na medida em que, como aquelas, não se limitam à temática amorosa. De acordo com Rocha (1973, p. XI), o CG “fala-nos de amores”, mas evoca também: “jogos, superstições, silhuetas caricatas, acontecimentos gloriosos ou burlescos, fé e descrença perante o devir social e geográfico de Portugal”. O autor acrescenta que o léxico empregado nos poemas do CG que não são de caráter amoroso (ex.: poesia didática, dramática, histórica etc.) é infinitamente mais rico do que aquele presente na “poesia amorosa”.

Além dessa diversidade temática, presente na coletânea de Resende, há que se destacar a multiplicidade de autores envolvidos na elaboração da obra. Conforme acima mencionado, o CG reúne produções de mais de 200 (quase 300) poetas da época, que podem fornecer testemunhos variados do português de então.⁴

No tangente à obra de Camões, *Os Lusíadas* representam um clássico da literatura portuguesa, uma obra-prima que serviu de referência na formação do português padrão, inclusive no que concerne à ortografia da língua. A esse respeito, Souza (2009, p. 13) declara o seguinte:

O clássico camoniano influenciou de maneira muito significativa os rumos da ortografia da Língua Portuguesa, uma vez que representou uma clara divisão entre a antiga ortografia e os novos sistemas introduzidos pelos estudiosos do século XVI.

³ Cabe observar que, para Mattos e Silva (2006, p. 40), o fato de não haver documentação poética remanescente, entre meados do século XIV até a segunda metade do século XV, não significa que houve um século sem poesia em Portugal.

⁴ Ainda sobre o CG, não se pode deixar de mencionar o bilinguismo (favorável ao português), presente na obra. Embora o português tenha sido a língua empregada na composição da grande maioria dos poemas do CG, há, nessa obra, alguns (poucos) poemas escritos em castelhano, que serão desconsiderados nas análises deste trabalho.

Dessa forma, dada a relevância de *Os Lusíadas*, na história da literatura portuguesa, essa obra-prima camonianiana foi admitida, neste trabalho, como fonte de informação sobre as qualidades vocálicas da língua falada no século XVI.

Se tomarmos como base a periodização do português, proposta por estudiosos como Leite de Vasconcellos (1959), Michaëlis de Vasconcelos (1946), Silva Neto (1956), entre outros, notaremos que os três séculos abordados neste estudo (XIII, XV e XVI) correspondem a três fases distintas na história da língua: o século XIII corresponde ao início do PA (fase trovadoresca), e o século XVI, ao início do português moderno (cf. LEITE DE VASCONCELLOS, 1959; SILVA NETO, 1956; COUTINHO, 1974; CÂMARA JR., 1979[1975]). Já o século XV corresponde à segunda fase do PA, na delimitação temporal estabelecida por Michaëlis de Vasconcelos (1946, p. 15). A autora, considerando extenso demais o período atribuído ao PA (de meados do século XIII ao início do século XVI) e baseada na produção literária medieval, propõe que se faça uma subdivisão desse período em: uma primeira fase galego-portuguesa, compreendida entre meados do século XIII e a primeira metade do século XIV, em que haveria uma unidade entre as línguas faladas em Portugal e Galiza (o galego-português); e uma segunda fase, de 1350 em diante, em que o português e o galego teriam assumido rumos diferentes, tornando-se línguas distintas.

Ao analisar os textos remanescentes dos séculos XIII, XV e XVI, esta pesquisa traz dados linguísticos, referentes às vogais portuguesas, que nos permitem verificar as principais diferenças - pelo menos no que diz respeito às qualidades vocálicas da língua - entre as referidas fases do português.

É interessante notar que esta pesquisa não se restringe a uma abordagem meramente histórica, mas busca, antes de tudo, fornecer descrições sincrônicas de épocas específicas da língua, contemplando, inclusive, dados do português atual (brasileiro e europeu).

Tendo em conta que fatos do passado contribuem, em geral, para uma melhor interpretação do presente, da mesma forma que fenômenos atuais podem esclarecer dúvidas do passado, evocamos, neste trabalho, dados do português antigo que nos ajudam a compreender melhor o estado atual da língua, e lançamos mão de exemplos do português de hoje para decifrar as pistas do passado.

O trabalho que ora se apresenta contém cinco seções, estruturadas da seguinte forma:

Na primeira seção da tese, traçamos o percurso histórico da língua portuguesa, desde sua origem, no latim, até o português moderno (século XVI). Foram abordadas, nessa seção, as línguas que serviram de substrato e superstrato ao latim vulgar, na Península Ibérica, durante o processo de formação do romance lusitânico e, posteriormente, do galego-português propriamente dito. Também foram apresentados os principais fatores históricos e linguísticos que caracterizaram a transição da primeira para a segunda fase do PA, em meados do século XIV, e do PA para o português moderno, no século XVI.

A segunda seção deste trabalho está dedicada às principais características dos textos poéticos que forneceram os dados desta pesquisa. Nessa seção, estão apresentadas, por exemplo, as informações referentes à autoria, à linguagem, ao contexto histórico, às edições e à estruturação das CSM, de Afonso X, do CG, de Garcia de Resende, e de *Os Lusíadas*, de Camões.

A terceira seção desta tese contempla o testemunho dos estudos anteriores sobre o sistema fonológico de vogais tônicas, pretônicas e postônicas do latim, do PA, do português moderno e do português atual (europeu e brasileiro). Sobre as vogais do latim (clássico e vulgar), foram consultadas as Gramáticas Históricas e os Manuais de Filologia do português. Em relação ao sistema vocálico do português antigo, nas três fases abordadas, foram considerados, essencialmente, os trabalhos de Silva Neto (1952), Câmara Jr. (1979[1975]), Teyssier (1994[1980]), Ramos (1985), Maia (1997[1986]), Mattos e Silva (2006) e Castro (2008). No caso das vogais do século XVI, também contamos com o testemunho direto de gramáticos e ortógrafos da época (OLIVEIRA, 2000[1536]; BARROS, 1540; LEÃO, 1576). Por último, as informações sobre as vogais do português atual (europeu e brasileiro) foram extraídas, sobretudo, dos estudos de Mateus e d'Andrade (2000), Câmara Jr. (2007[1970]), Bisol (1981, 2003, 2009, 2013) e Wetzels (1992).

Na quarta seção do trabalho, descrevemos a metodologia adotada nesta pesquisa. Para o estudo das vogais tônicas do português antigo, foram mapeadas todas as rimas, nos *corpora* considerados, envolvendo vogal média na sílaba acentuada. A partir desses dados, analisamos as possibilidades e impossibilidades de rima entre vogais médias (tônicas) representadas por grafemas idênticos. Para as vogais pretônicas, que não são contempladas pelas rimas poéticas, fez-se um estudo baseado na interpretação da grafia adotada nas obras poéticas referidas. Em outras palavras, buscamos, na escrita da época, os vestígios das pronúncias de antanho.

Enfim, para o estudo das vogais postônicas do passado, esta pesquisa baseou-se tanto nas rimas quanto na grafia dos *corpora* abordados.

Na quinta seção da tese, estão apresentados e discutidos os dados desta pesquisa. Particularmente em relação às vogais acentuadas, as rimas das CSM sugerem uma pronúncia diferente da atual para a vogal média de determinados vocábulos, no século XIII. Já as rimas do CG e de *Os Lusíadas* levam-nos a acreditar que essa pronúncia atual é o resultado de uma mudança linguística que teve origem, muito provavelmente, em variações fonéticas, entre vogal média aberta e fechada, vigentes nos séculos XV e XVI. No tocante às vogais pretônicas da língua, a análise da grafia empregada nos *corpora* consultados evidencia a ocorrência de variação fonética envolvendo alçamento vocálico, nos séculos XIII, XV e XVI. Esses dados insinuam que, no período em foco, a elevação da vogal média pretônica ainda era uma regra variável, na língua portuguesa. Por fim, em relação às vogais postônicas, os dados desta pesquisa não nos autorizam a afirmar que, nos séculos em apreço, o alçamento da vogal média já fosse uma regra geral, nas sílabas pós-acentuadas.

A partir deste trabalho, portanto, foi possível obter informações importantes sobre a realização das vogais tônicas, pretônicas e postônicas do português, em diferentes períodos da história da língua. Além disso, a presente pesquisa revela diversos casos de variação e mudança que caracterizam o percurso histórico das vogais portuguesas. Todos esses resultados estão reunidos ao final desta tese, na *Conclusão* do trabalho.

Conclusão

Este trabalho analisou a grafia e as rimas empregadas nas CSM de Afonso X, no CG de Garcia de Resende e em *Os Lusíadas* de Camões, com o objetivo de obter informações sobre a pronúncia das vogais tônicas, pretônicas e postônicas do português dos séculos XIII, XV e XVI. Ao final desta tese, pode-se dizer que os resultados desta pesquisa constituem um testemunho importante sobre a realização das vogais portuguesas em períodos passados da língua que não deixaram registros orais.

Além da pesquisa detalhada e tripartida envolvendo as vogais dos séculos XIII, XV e XVI, o presente estudo também traz uma descrição do sistema vocálico do português atual (brasileiro e europeu) e chama a atenção para algumas semelhanças e diferenças entre a língua portuguesa e as demais línguas românicas, sobretudo aquelas da Península Ibérica. Esta tese, portanto, fornece dados interessantes não apenas às pesquisas dedicadas às vogais ou à história da língua portuguesa, mas também aos estudos de Romanística, em geral.

Os resultados desta pesquisa também trazem contribuições significativas para os estudos variacionistas. Ao comparar os dados do português antigo a dados do português atual, este trabalho obteve conclusões relevantes sobre a ocorrência de variação e mudança no decorrer da história da língua portuguesa.

Sobre as vogais tônicas do português, por exemplo, mostramos casos de variação e mudança envolvendo as vogais médias da língua. As rimas das CSM não apenas atestam a ocorrência de quatro fonemas (/e, ε, o, o/), em posição acentuada, no sistema vocálico do galego-português, como também sugerem uma pronúncia (etimológica) diferente da atual, no século XIII, para a vogal tônica de termos como *inveja*, *essa*, *meu*, *Deus*, *fogo*, *gloriosa*, *maior* etc. A hipótese de mudança no timbre da vogal média de alguns desses vocábulos já havia sido aventada por estudos anteriores, dedicados à história da língua portuguesa, mas a tese ora apresentada introduz um dado novo, em relação aos trabalhos precedentes: desvendamos, de certa forma, o percurso diacrônico dessa mudança. A partir da observação das rimas do CG e de *Os Lusíadas*, o presente estudo vem propor que a mudança no timbre vocálico dessas palavras teve origem, muito provavelmente, em variações fonéticas dos séculos XV e XVI, entre vogais médias (tônicas) abertas e fechadas. Mais do que isso, a proposta (inédita) deste estudo é a de que o português, da segunda fase do PA à primeira metade do século XVI, pelo menos, esteve a um passo de adquirir uma fonologia semelhante à do espanhol, que não contempla a distinção de timbre entre as vogais médias tônicas.

Essa proposição está fundamentada na notável recorrência de rimas entre vogais médias abertas e fechadas (segundo os padrões atuais), nas obras de Resende e de Camões, que não podem ser justificadas (como foram algumas das rimas das CSM) a partir da etimologia dos termos rimantes. Estudos anteriores haviam interpretado o emprego dessas “rimas imperfeitas”, nas obras referidas, como uma influência da técnica versificatória introduzida por Gil Vicente na poesia portuguesa. Esta tese, todavia, vem propor que as rimas do CG e de *Os Lusíadas* não eram, afinal, imperfeitas: se as rimas foram adotadas pelos poetas dos séculos XV e XVI, é porque havia, muito provavelmente, naquele momento da língua, uma perfeita consonância entre as vogais tônicas envolvidas, em virtude de uma intensa variação fonética.

A favor dessa hipótese estão as variações entre vogais médias abertas e fechadas que ainda permanecem no galego atual e em algumas variedades do norte de Portugal. Além disso, se a alteração no timbre vocálico de palavras como *maior, melhor, Deus, meu* etc. é reconhecida e insistentemente divulgada pelas Gramáticas Históricas e Manuais de Filologia do português, é preciso reconhecer também que essa mudança, evidentemente, não ocorreu de forma abrupta na língua, ao contrário, provém de um longo período de variação. Faltava, contudo, demarcar esse período. Os dados desta pesquisa surgem, portanto, como um indício de que essa variação teria começado no século XV e se estendido até o século XVI, pelo menos. E mais do que demarcar esse período de oscilação, os dados deste estudo sugerem que a variação não se restringia apenas aos vocábulos cuja vogal tônica teve seu timbre alterado, no percurso histórico do português. O estado atual da língua permite-nos afirmar que, em alguns casos, as variações, documentadas nas obras de Resende e de Camões, resultaram em mudança, ao longo da história da língua. Em outros casos, entretanto, fixou-se a pronúncia correspondente ao étimo latino.

Ainda sobre as vogais tônicas do português, o presente estudo também vem atestar as diferentes reações de verbos e nomes da língua mediante a atuação da mudança, no decorrer da história. Os dados desta pesquisa mostram que a vogal média (tônica) dos nomes ofereceu menos resistência à mudança, no percurso diacrônico do português, do que a vogal média dos verbos. Interpretamos essa diferença como um sinal de que o sistema vocálico do português é sensível à morfologia da língua.

No que tange às vogais pretônicas do português, os dados deste trabalho revelam casos de variação e mudança, durante a história da língua, envolvendo alçamento vocálico. Sobre os termos oficialmente grafados com vogal média pretônica, na atual ortografia do português, mas pronunciados com vogal alçada, no Brasil ou em Portugal, este trabalho mostra que a pronúncia com vogal alta, na sílaba pretônica, é comum, na língua, desde o século XIII. Os dados desta pesquisa sugerem, inclusive, uma abrangência, com o passar dos séculos, dos contextos fonético-fonológicos envolvidos na elevação da vogal média pretônica, de modo que os dados do século XIII são os que mais se aproximam da realidade brasileira e, ao mesmo tempo, estão mais distantes da generalização da regra de alçamento vocálico, que se verifica no PE atual. Em outras palavras, os dados desta pesquisa elucidam o processo de difusão lexical da regra de alçamento de vogal média pretônica, na diacronia do português. Assim, a partir dos resultados desta pesquisa, também é possível repensar a afirmação de estudiosos como Teyssier (1994), por exemplo, de que não há evidências, antes do século XVIII, de elevação de vogal média pretônica semelhante à que ocorre em Portugal. Os dados do CG e de *Os Lusíadas* mostraram diversos casos de alçamento, nos séculos XV e XVI, característicos do PE atual, mas pouco comuns nas variedades brasileiras. Esses dados, embora não sejam suficientes para atestar a generalização da regra de alçamento de vogal média pretônica nos séculos referidos, revelam que o processo estava em um estágio avançado já no século XV. Particularmente em relação aos vocábulos oficialmente grafados com <i> ou <u> pretônicos, no português atual, o presente estudo revela que, em muitos casos, essa vogal alta não é etimológica, ao contrário, é o resultado de uma mudança, na história da língua, originada em variações fonéticas do português antigo.

No tocante às vogais postônicas da língua, os dados deste trabalho revelam uma tendência geral, até a segunda metade do século XVI, pelo menos, em empregar os grafemas <e> e <o> para representar as vogais anteriores e posteriores, respectivamente. Assim, embora também ocorram, nas obras analisadas, as grafias <i> e <u> e, eventualmente, alguma rima entre vogal média e alta, na sílaba postônica, esses dados são esporádicos e representam uma parcela mínima do total. Diante desses resultados, consideramos a hipótese de a pronúncia com vogal média alçada, na posição postônica, ainda ser pouco frequente, nesse período da língua compreendido entre o século XIII e a segunda metade do século XVI. Os dados deste trabalho não negam, portanto, a proposta de Teyssier (1994[1980]), que remonta ao século XVIII a generalização do processo de alçamento da vogal média postônica que, até então, era uma regra variável.

Cabe ressaltar que esses resultados, envolvendo as vogais átonas do português, permitem uma interessante reflexão acerca da propagação da regra de alçamento entre as vogais pretônicas e postônicas da língua, no decorrer da história. Os dados deste trabalho sugerem que, até o século XVI, pelo menos, o alçamento era muito mais comum entre as vogais pretônicas do português do que entre as vogais postônicas. No PE atual, entretanto, o alçamento da vogal média é uma regra geral tanto na sílaba pretônica, quanto na sílaba postônica. Em contrapartida, no PB atual, o alçamento vocálico é uma regra geral entre as vogais postônicas (finais), e uma regra (ainda) variável, entre as vogais pretônicas. Observando apenas o quadro atual da língua, poderíamos supor que, historicamente, a regra de alçamento difundiu-se primeiro entre as vogais postônicas do português e, depois, estendeu-se para as vogais pretônicas. Ora, os dados deste trabalho indicam exatamente o contrário, isto é, sugerem que a supremacia da regra de alçamento entre as vogais postônicas, em relação às vogais pretônicas, é recente, na história da língua, tendo sido ocasionada, ao que tudo indica, por aspectos de cunho prosódico. Dito de outro modo, esse suposto avanço da prevalência do alçamento na sílaba postônica em detrimento da pretônica, nas variedades brasileiras, explica-se em função do ritmo: a vogal da sílaba átona final é mais breve do que a vogal da sílaba pretônica, no PB atual, e isso teria favorecido a generalização da regra primeiro entre as postônicas finais. No caso do PE atual, todavia, há uma equivalência no ritmo das vogais átonas, em geral, de modo que a duração da vogal da sílaba pretônica é bastante próxima da duração da vogal da sílaba postônica - o que justifica a aplicação de uma mesma regra (elevação e recuo) para todas as átonas.

Por último, este trabalho também apresenta a sua contribuição para o estudo da periodização da língua portuguesa. Vimos, ao longo desta tese, que os séculos XIII, XV e XVI, abordados nesta pesquisa, correspondem a três fases distintas, na delimitação temporal proposta por estudiosos como Michaëlis de Vasconcelos (1946) e Silva Neto (1956), por exemplo. Os dados deste trabalho, no entanto, sobretudo aqueles envolvendo as vogais tônicas da língua, vêm propor uma periodização bipartida, a saber: uma primeira fase, até meados do século XIV, caracterizada por pronúncias e grafias associadas à origem latina; e uma segunda fase, a partir do século XV, caracterizada por uma notável variação (gráfica e fonética).

Em suma, pode-se dizer que os dados desta pesquisa sustentam a afirmação de Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 126) de que nem toda variação implica mudança, mas “toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”. É insustentável a ideia de que as línguas estejam imunes à ação do tempo e, além disso, é ingênuo acreditar que as mudanças linguísticas sejam instantâneas: os dados desta pesquisa comprovam, afinal, que as mudanças que se verificam no português de hoje são decorrentes de variações do passado.

Resta-nos, enfim, a conclusão de que a língua portuguesa, hoje, é o resultado de sucessivas mudanças ocorridas na história desde o latim. Tanto no Brasil, quanto em Portugal, já não se fala como os trovadores, nem como os navegadores portugueses do século XV e, claro, nem como Camões. Continuamos falando, entretanto, a língua portuguesa, que, absolutamente, não foi descaracterizada pelas mudanças.